

A UNIVERSIDADE DA TERCEIRA IDADE: ESPAÇO DE LAZER E SOCIABILIDADE

MINÉIA CARVALHO RODRIGUES,
RODRIGO AMÂNCIO DE ASSIS,
WALLACE TURRA.

Universidade Federal do Mato Grosso, Pontal do Araguaia, MT, Brasil.
mineiacr76@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de um estudo sobre a configuração do lazer no espaço das Universidades da Terceira Idade (UNATIs). O lazer direcionado a pessoas idosas emerge em um contexto, em que um conjunto de discursos amplamente divulgados pela mídia brasileira insiste na desestabilização de expectativas e imagens que se assemelham ao avanço da idade. Evidencia que a dimensão etária não é um marcador pertinente de comportamentos e estilos de vida e propaga uma série de receitas: técnicas de manutenção corporal, comidas saudáveis, ginásticas, medicamentos, bailes e outras formas de lazer que procuram mostrar como os que não se sentem velhos devem se comportar, apesar da idade.

Essas novas formas de comportamento são veiculadas pela mídia e criam um novo estereótipo, os "*heróis do envelhecimento*". Featherstone (1995) denomina *heroesofaging* as várias imagens veiculadas pelos meios de comunicação, mostrando pessoas que, em face do processo de envelhecimento, parecem permanecer eternamente jovens nos seus hábitos de trabalho, postura corporal, expressões faciais e comportamento geral. Na perspectiva de Debert (1999), essa ideia rejeita a própria velhice, ao considerar que a idade não é um marcador pertinente da definição das experiências. Se anteriormente os idosos eram homogeneizados por uma visão de invalidez, perdas, hoje o são com base na imagem de um idoso ativo, saudável, em busca de atividades de lazer.

Esse lazer que traz um novo estilo de vida ativo se torna um dos elementos fundamentais no processo de desconstrução da velhice e de construção da terceira idade. No primeiro processo, nega ou exclui os idosos dependentes, que não se interagem socialmente, que não desenvolvem novos papéis sociais, que não buscam atividades de lazer; e, na construção da "terceira idade", coloca em evidência os idosos ativos, participativos, com um estilo de vida dinâmico, que buscam interagir socialmente, que se integram em novos papéis sociais e participam de atividades de lazer. Esse processo traz em si uma nova moral de envelhecer, que é a do idoso envolvido em atividades voluntárias, atividades físicas, de lazer e turismo.

Essa noção de que o idoso deve se manter ativo está ligada à teoria ativista, que visa a atender à inadaptação ao envelhecimento e foi bastante influenciada pela teoria do desengajamento (CUMMING; HENRY, 1961). A teoria da atividade enfoca que o declínio em atividades físicas e mentais, geralmente associado à velhice, é fator determinante das doenças psicológicas e do retraimento social do idoso.

De acordo com a teoria da atividade a pessoa que envelhece em boas condições é aquela que permanece ativa e consegue resistir ao desengajamento social. Para essa teoria, quanto maior o envolvimento dos idosos em atividades, maior a satisfação e, conseqüentemente, melhores são a saúde física e mental, o autoconceito e a aceitação social.

São várias as críticas à teoria da atividade, mas uma das principais é em relação à sua proposição básica – de que o "bom envelhecimento" é estar ativo, resistir ao desengajamento social, encontrar papéis sociais substitutivos, manter *status* e atividades –, que pode hoje ser considerada uma perspectiva "antienvelhecimento" (SIQUEIRA, 2002). Essa teoria desconsidera a heterogeneidade e a diversidade das experiências de envelhecimento, nega as

suas características específicas, não aceitando nenhum outro modelo diferente do que o do idoso ativo.

Essa compreensão de que o idoso deve se manter ocupado com atividades de lazer carrega uma visão instrumental e funcionalista do uso do lazer, descaracterizando-o como direito social que todos os cidadãos – inclusive os idosos – têm em relação ao atendimento de suas necessidades. Assim, o idoso passa a ser visto como o foco de programas educacionais, de lazer e turismo, apenas na perspectiva de que é um grupo social a ser controlado e monitorado, principalmente no seu “tempo livre”. A criação desses programas direcionados a idosos – Universidades da Terceira Idade (UNATI), Escolas Abertas à Terceira Idade, clubes e associações de idosos –, muitas vezes, estão mais voltados a demandas de contenção e enquadramento social do idoso do que à garantia de seu direito a espaços de sociabilidade, educação e lazer. O lazer, nessa perspectiva, passa a ser visto como possibilidade de manutenção do equilíbrio social, de difusão de novas formas de comportamentos sociais (inovadoras maneiras de viver e portar-se em sociedade, formas de vestir, alimentar, divertir, conviver, socializar, consumir, participar etc.), com objetivos claramente definidos de equilíbrio social, legitimando práticas e comportamentos a serem seguidos na construção de uma nova velhice.

MATERIAIS E MÉTODOS

Ao longo da pesquisa realizada nas Universidades da Terceira Idade (UNATI) selecionadas (UNATI-1 e UNATI-2), foram utilizados diferentes métodos e técnicas, com o intuito de complementar, aprofundar e cruzar informações. A observação assistemática, a entrevista e as notas de campo foram utilizadas.

Em um primeiro momento, realizou-se aquilo que Magnani (1996) chama de “participação de reconhecimento”. Durante esse período, realizei observações assistemáticas, sendo que todas foram registradas no diário de campo. Concomitante às observações, realizei entrevistas semi-estruturadas com os idosos selecionados segundo critérios já apontados.

Com os dados das entrevistas e observações em mãos, iniciei a análise, procurando desvendar as mensagens explícitas e implícitas presentes nas entrevistas e anotações do diário de campo. Por meio da análise de conteúdo, procurei desvendar mensagens implícitas e explícitas presentes nas observações (formas de comportamento, gestos, emoções) e nas verbalizações dos sujeitos entrevistados.

Nesse processo de análise as Universidades da Terceira Idade emergem como espaço de lazer e sociabilidade.

O PEDAÇO: SOCIABILIDADE E LAZER

As pessoas não vão até a UNATI apenas para preencher seu tempo “livre”. A busca por esse espaço vai, além disso, ou de “ocupar a cabeça” ou ainda de arrumar uma obrigação. As observações indicam que esse ponto de referência representa uma oportunidade de contato, de interação social, de estabelecer proximidade e laços, de encontro. E aqui a noção de pedaço, abordada por Magnani (1998), se faz presente, principalmente no que diz respeito à rede de relações sociais travadas.

Em ambas as instituições, o idoso busca uma forma de sociabilidade. As observações revelam que esse espaço funciona como um ponto de referência, o qual os idosos mostram nas vestimentas, na linguagem, nos gestos, na expressão corporal, na postura – o pedaço a que pertencem. A UNATI constitui-se uma espacialidade em que as pessoas se identificam por símbolos, representações e mediações. Venham de onde vier, o que buscam é um ponto de aglutinação para a construção e o fortalecimento de laços. Quando os idosos se ausentam de suas casas e dirigem-se a esse seu pedaço, não o fazem com o objetivo apenas de ocupar o tempo “livre”, de buscar conhecimento e atualização, mas vão até lá para encontrar seus

companheiros, seus iguais, o “colega”, como se refere Gloriosa (UNATI-1): as “velhas sabidas” do pessoal do pedaço. “O mais importante para mim é isso, o encontro com as pessoas...” (Primavera – UNATI-2).

Quando não existe mais o sentimento de pertencimento a um lugar e ao grupo de trabalho, são outros espaços, como o da UNATI, que fazem existir esse sentimento e criam novos laços sociais e valores, estruturando a identidade da velhice (PEIXOTO, 1997, p. 187). Na sociedade em que vivemos, as relações são pautadas no individualismo, na impessoalidade, no formalismo, diminuindo, assim, as possibilidades de contatos sociais, de estabelecimento de novas amizades, que é justamente o que o idoso busca.

Nas observações, pude perceber que em ambas as instituições os idosos transformavam aquele espaço em um local de encontro. Não vão até lá só para as aulas, tanto que alguns grupos chegam antes do horário para conversar, encontrar-se com as amigas e outros lá permanecem após o seu término. As falas de alunos de ambas as instituições confirmam as observações: “Chego antes para o encontro das colegas, né?” (Gardênia – UNATI-1). “Eu chego antes para o bate-papo, temos uma contadora de anedotas e de causos...” (Flor-de-abril – UNATI-1). Na UNATI-1, alguns alunos chegam antes e dirigem-se à sala da coordenação. Para alguns, o bate-papo antes da aula com a secretária é fundamental. Observei também, na mesma instituição, vários alunos espalhados pelo corredor e senti falta de um local mais adequado onde pudessem reunir-se. Já na UNATI-2, os bancos espalhados pela escola são propícios aos encontros, troca de ideias e de receitas, bate-papo antes da aula.

Segundo Peixoto (1997, p. 86), “no imaginário das pessoas de mais idade que frequentam programas para terceira idade, a UNATI simboliza um território suspenso entre o público e o privado, entre a rua e a casa ou, simplesmente, o salão de festas de antigamente”. Portanto podemos afirmar que a UNATI simboliza o “pedaço”.

A UNATI parece ser um território da existência de um sentimento de pertencimento e de identidade comum entre os membros da UNATI, permitindo que novas redes de sociabilidade sejam tecidas.

A maioria dos autores designa sociabilidade como uma forma de estabelecer relações sociais, de convívio na vida social e coletiva, de interação entre as pessoas, isto é, relações tecidas pelos indivíduos nas diversas situações sociais.

Embora o exercício de sociabilidade experimentada na UNATI não substitua outras práticas, como a vida familiar, as relações de vizinhança e as práticas religiosas, considera-se crescente a valorização dessa experiência na vida dos entrevistados. Ao falarem do significado desse espaço em suas vidas, a UNATI aparece como lugar de encontro, de estar junto, de compartilhar, de “festa no pedaço”. Os idosos valorizam muito a relação face a face, a interação com o outro, a possibilidade de conversar. O diálogo com o outro foi a forma de “lazer” mais citada.

Os idosos que vão até o espaço da UNATI para verbalizar sentimentos, emoções, ideias, conhecimentos, cultura e lazer, talvez não percebam, como eu percebi em minhas observações, que seus corpos também falam e revelam, muitas vezes, um idoso carente de “gente”, que busca o outro por meio de sorrisos, de gestos, do silêncio, do olhar, do suspiro profundo, de pequenos toques e grandes abraços.

Não podemos negar que a UNATI, enquanto espaço institucional, permite uma sociabilidade denominada, por Willmott e Young (1960), secundária (formal). De acordo com eles, as formas de sociabilidade ocorrem em organismos institucionais públicos ou privados, como os clubes da terceira idade e as residências. Essas formas abrem uma rede de relações limitadas no que diz respeito à faixa etária, gênero, nível cultural e social. Nesse espaço de convivência e interação, existem regras de comportamento pautadas em certa formalidade, regras de estarem juntos, de atitudes, de sentimentos e de gestos. Todavia a sociabilidade tecida a partir da intervenção institucional permite outras redes não institucionais, que podemos classificar, segundo Willmott e Young (1960), como primária (informal), que são práticas

espontâneas de sociabilidade. As entrevistas indicam que a rede de sociabilidade dentro da UNATI é estendida para fora do espaço institucional pelo lazer (baralho, cinema, *shopping*, lanchonete...). Os encontros intermediados por atividades de lazer fora da UNATI permitem que a rede de sociabilidade se estenda.

Grupos menores formam-se em torno de preferências em relação a alguns conteúdos culturais de lazer. Sendo assim, o lazer é responsável pelas redes de sociabilidade tecidas fora do espaço institucional e reforça a ideia de grupo, aproximando as relações.

Esses encontros fora do espaço institucional, mediados pelo lazer, podem abrir novas oportunidades de encontro e fazer surgir redes de sociabilidade.

Vale assim considerar, como Macedo (1986, p. 189), que, mesmo ressaltando que há também uma dimensão conservadora e reprodutora das práticas sociais do lazer, essas práticas lúdicas não significam apenas conformismo e alienação, mas – como outros momentos da vida – incluem-se entre “formas socialmente disponíveis de mapear o mundo e encontrar o lugar nele”. Podemos dizer que a festa no “pedaço” ainda existe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referencial teórico mostrou que a construção sociocultural da velhice – marcada por diversos aspectos sociais, culturais e econômicos – desenvolveu-se nas últimas décadas, quando os indivíduos com idades avançadas se tornaram cada vez mais visíveis e passaram a ocupar diferentes espaços na organização social. A velhice saiu de uma situação de “invisível” para “identificada”, gerando uma outra imagem sobre si, a qual contribuiu com a criação do termo terceira idade. Verificou-se, também, como o lazer emerge nesse contexto, sendo um dos elementos fundamentais no processo de desconstrução da velhice e construção da noção de terceira idade, trazendo um conjunto de novos comportamentos e estilos de vida, que se identificam muito mais com os jovens do que com os próprios idosos.

O estudo realizado permite afirmar que as experiências desenvolvidas pela UNATI-1 e pela UNATI-2, no que se refere à educação de idosos, têm-se mostrado uma oportunidade dinâmica, flexível e acessível para atender aos desejos e às necessidades dos que os têm buscado. Estes têm contribuído positivamente para o bem-estar, para a auto-imagem e para as relações interpessoais. Parece haver um fortalecimento do grupo, que está relacionado a uma nova consciência social sobre o envelhecimento. Dessa forma, os idosos tornam-se agentes de modificação social, colaborando para uma transformação da imagem do velho na sociedade.

As observações revelaram que a UNATI é um espaço social de lazer, em função de as atividades, de uma maneira geral, serem realizadas coletivamente, possibilitando o contato direto entre indivíduos. Representa, assim, uma possibilidade de as pessoas divertirem-se, descansarem e desenvolverem-se pessoal e socialmente, fruindo os seus valores. É o lazer que fez e faz com que essas instituições congreguem, a cada dia, um número maior de um público fiel.

A UNATI pode ser ainda um lugar de organização da cultura, onde se desenvolva uma formação voltada para a promoção do homem, da sua conscientização e emancipação, para o seu acesso aos bens culturais e para produção e (re)elaboração da cultura, ou seja, para o questionamento e a modificação das condições objetivas e subjetivas que estão postas.

Creio que foi possível, nos limites desta pesquisa, levantar aspectos interessantes referentes à apropriação da UNATI como espaço de lazer.

REFERENCES

ALVES JUNIOR, E. D. **L'Université dutemps libre duPays de Rennes a révéléateur d 'social modelduvieillissement**. DEA, histoire, civilization et sociétés. Rennes: Université de Rennes, 1994.

CUMMING, E.; HENRY, W. E. **Growing old: the process of disengagement**. New York: Basic Books, 1961.

DEBERT, G. G. The **construction and reconstruction of old age: family, social class and ethnicity**. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (Ed.). *Old age and society*. Campinas: Papirus, 1999.

DUMAZEDIER, J. **Leisure and popular culture**. São Paulo: Perspectiva, 1973

FEATHERSTONE, M. **Post bodies, aging and virtual reality**. In: _____; Wernicke, A. (Eds.). *Images of aging: cultural representations of later life*. London: Routledge, 1995.

MAGNANI, J. G. C. **When the field is the city: making anthropology at Metropolis**. In: _____;

TORRES, L. L. (Eds.). **In the metropolis: urban anthropology texts**. São Paulo: USP / FAPESP, 1996

_____. **Feast on the block: popular culture and leisure in the city**. 2. ed. São Paulo: Hucitec / UNESP, 1998.

MARCELLINO, N. C. **Leisure and humanization**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1983.

MELO, V. A. de; ALVES JUNIOR, E. D. **Introduction to leisure**. Barueri: Manole, 2003.

PEIXOTO, C. E. **Back to school or how being a student at 60**. In: VERAS, R. P. (Ed.). **Elderly: challenges for the third millennium**. Rio de Janeiro: Relume / UNAT / UERJ, 1997.

SEVERINO, A. J. **Methodology of scientific work**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SMITH, M. E. C. de. **Sociological theories of aging**. In: NERI, A. L. et al. **Treaty of geriatrics and gerontology**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introduction to social science research: qualitative research in education**. São Paulo: Atlas, 1987.